



Dez anos depois: o GEHVID e a investigação histórica sobre a vinha e o vinho no vale do Douro

Gaspar Martins Pereira *

Resumo: Partindo dos objectivos que presidiram à fundação do GEHVID, em 1994, a comunicação traça um breve balanço da actividade desenvolvida e do papel desempenhado pelo Grupo no desenvolvimento da investigação histórica em torno da vinha e do vinho no vale do Douro.

Destaca-se a estruturação do Grupo em torno de um projecto de história regional, agregando investigadores de vários domínios e épocas, com diferentes níveis de experiência, procurando romper com as tradicionais barreiras académicas da especialização temática e temporal na pesquisa histórica e assumindo, como instrumentos estratégicos de acção, o diálogo interdisciplinar, o diálogo interuniversitário e o diálogo com a região.

Considerando os pontos fortes do trabalho realizado, bem como as fragilidades evidenciadas nestes dez anos de vida do Grupo (dificuldades organizativas e financeiras; dificuldades de aprofundamento do debate científico disciplinar e transdisciplinar; dificuldades de desenvolvimento de estudos comparativos), reflecte-se sobre a necessidade de abrir novos caminhos que possam reforçar o GEHVID enquanto estrutura de investigação de história da vinha e do vinho.

Dez anos depois da criação do GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto, ao qual, durante esta década, dedicámos boa parte da nossa investigação, a realização deste Encontro suscitou-me uma reflexão pessoal sobre a actividade desenvolvida e o papel desempenhado pelo Grupo, não só no desenvolvimento da pesquisa histórica em torno da vinha e do vinho no vale do Douro, mas, sobretudo, na aplicação de novas práticas de pesquisa e de

* Professor do Departamento de História da FLUP. Investigador do GEHVID. Coordenador do projecto de investigação «O Douro Contemporâneo: Sociedade, Economia e Instituições», financiado pela Fundação Ciência e Tecnologia e pelo Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação, participado pelo fundo comunitário europeu FEDER).

novas formas de relacionamento dos investigadores entre si e com instituições e entidades exteriores ao mundo académico.

Nesta reflexão, circunscrevo-me, essencialmente, aos princípios orientadores do GEHVID e às grandes linhas de investigação e de acção, já que seria impossível elencar aqui as centenas de actividades de pesquisa, debate e divulgação, que foram sendo desenvolvidas ao longo desta primeira década de vida do nosso Grupo

Em dez anos muitas coisas podem acontecer e alterar-se na vida das pessoas e dos grupos. No nosso caso, os ganhos foram e são visíveis, com o nascimento e desenvolvimento de inúmeros projectos em que se integraram dezenas de investigadores, em especial jovens, alguns dos quais iniciaram aqui a sua actividade de pesquisa. Infelizmente, houve, no mesmo período, perdas irreparáveis. Ao longo deste percurso, perdemos dois colegas que nos acompanharam desde a primeira hora: o Henrique David, em 1997, e o François Guichard, em 2002. Se a sua ausência nos entristece a todos e se o nosso Grupo ficou mais pobre sem o seu contributo, o seu saber, a sua alegria, a sua disponibilidade generosa, compete-nos preencher o vazio enorme que eles deixaram e prosseguir os projectos que com eles partilhámos.

1. Os objectivos fundadores

Creio que, nesta reflexão, vale a pena começar por recordar os objectivos fundadores do GEHVID:

- i) congregar esforços de historiadores e arqueólogos, no sentido de desenvolver uma investigação aprofundada sobre a história da vinha e do vinho na região produtora do Alto Douro, desde as origens desse vinhedo, prestando particular atenção aos períodos mais antigos;
- ii) fomentar e apoiar a investigação universitária neste domínio de estudos, nomeadamente através do apoio a estudantes de mestrado ou doutoramento que se encontrem a elaborar provas académicas;
- iii) promover contactos e acções de cooperação com investigadores e grupos de investigação nacionais e estrangeiros ligados ao estudo da vinha e do vinho;
- iv) articular acções com instituições e empresas da região e do sector vitivinícola, no sentido de preservar, estudar e divulgar o património histórico-cultural, nomeadamente museológico e arquivístico, associado ao vinho do Porto.

Assim, em 1994, ao criarmos o GEHVID, como Unidade de Investigação e Desenvolvimento, financiada pela Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica



(depois, pela Fundação Ciência e Tecnologia), pretendemos constituir um espaço aberto de trabalho colectivo em torno de um projecto, capaz de articular estudos desenvolvidos por investigadores experientes com a formação e trabalhos de jovens investigadores. Foi isso que fez, a meu ver, a diferença do GEHVID em relação a outras unidades de investigação. O GEHVID nasceu a partir de um projecto e de uma equipa.

Além disso, agregando num grande projecto de história regional investigadores de vários domínios e épocas, o GEHVID procurou romper com as tradicionais barreiras académicas da especialização temática e temporal na pesquisa histórica.

E, sobretudo, recusou ser um projecto universitário fechado sobre si mesmo, assumindo, como instrumentos estratégicos de acção, o diálogo interdisciplinar, o diálogo interuniversitário e o diálogo com a região, através das suas instituições mais representativas.

2. Breve balanço da actividade desenvolvida

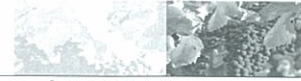
A traço grosso, pode dizer-se que o trabalho realizado pelo GEHVID nestes dez anos correspondeu bem aos objectivos fundadores, fazendo surgir, de forma inovadora, projectos de investigação histórica aplicada, com reconhecida eficácia social.

- i) Assim, foi possível realizar um volume considerável de estudos sobre a história da região do Alto Douro e dos seus vinhos. Os investigadores do GEHVID, a título individual ou colectivo, publicaram centenas de livros e artigos, proferiram numerosas conferências e comunicações em encontros científicos, no país e no estrangeiro, animaram colóquios e mesas-redondas, participaram em diversos cursos, como formadores. Bastaria folhear as mais de quatro mil páginas dos 15 números da revista *Douro – Estudos & Documentos*, editados desde 1996, para avaliar o que tem sido a produção científica do Grupo.

A par das obras que vários investigadores têm vindo a publicar individualmente, merecem aqui destaque duas obras colectivas da responsabilidade do Grupo: *Cister no Vale do Douro*, editado em 1998, e os 5 volumes da *História do Douro*, cujos textos estão, na sua maior parte, concluídos e que se espera comecem a ser publicados ainda em 2004 pelas Edições Afrontamento.

No domínio da arqueologia, diversas equipas do GEHVID desenvolveram, durante vários anos, campanhas de sondagens e escavações em vários locais da região, nomeadamente, no castelo de Ansiães (concelho de Carrazeda de Ansiães), no castelo de Numão (concelho de Vila Nova de Foz Côa), em Olival de Telhões (Almendra, concelho de Vila Nova de Foz Côa), e na Abadia Velha de Salzedas (Ucanha, concelho de Tarouca), além de trabalhos de prospecção em diversos concelhos da região e muitos estudos monográficos.

- ii) Ao longo destes anos, o GEHVID constituiu, também, um importante espaço de apoio a muitos estudantes de mestrado ou doutoramento que prepararam, ou se encontram a preparar, as suas provas académicas neste domínio de estudos.
- iii) Não menos importante foi o papel desempenhado pelo Grupo na promoção de contactos e acções de cooperação com investigadores e grupos de investigação nacionais e estrangeiros ligados ao estudo da vinha e do vinho. Essa rede de contactos, não só com historiadores mas também com estudiosos de outras áreas do saber, desde a geografia à economia, ao direito, à sociologia, à antropologia, à agronomia ou à enologia, permitiu já:
 - i) a organização de três encontros internacionais, realizados no Porto e no Douro (o «I Encontro de História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro», em 1996; o «II Encontro de História e Civilização da Vinha e do Vinho», sob o tema «A Vinha e o Vinho na Cultura da Europa», em 2001; e este «II Encontro de História da Vinha e do Vinho no Vale do Douro», que aqui nos reúne);
 - ii) a participação de investigadores no GEHVID em diversos encontros científicos, em cursos e outras acções, no país e no estrangeiro;
 - iii) a publicação de numerosos estudos de investigadores de outras Universidades nacionais e estrangeiras quer nas páginas da revista *Douro — Estudos & Documentos*, quer em monografias publicadas nos Cadernos da Revista *Douro — Estudos & Documentos* (9 números publicados);
 - iv) a participação na criação, em 1999, da Associação Internacional de História e Civilização da Vinha e do Vinho, com sede em Puerto de Santa María, em Espanha.
- iv) Desde o início, a acção do GEHVID voltou-se para fora dos muros da Universidade, num diálogo activo com autarquias, instituições e empresas da região e do sector do vinho do Porto. Não se tratava apenas de buscar apoios para o desenvolvimento de projectos do Grupo, mas, sobretudo, de articular acções que conferissem eficácia social à investigação, não só enquanto produção de conhecimento, mas também como instrumento



de preservação e divulgação do património histórico-cultural associado ao vinho do Porto e à sua região de origem. Depressa o GEHVID se tornou reconhecido pelas instituições regionais como parceiro activo, sendo chamado a participar num vasto conjunto de iniciativas, muitas delas de grande significado para a região. Destacaria, entre outras acções: a organização, tratamento, inventariação e publicação de instrumentos de pesquisa de arquivos particulares, nomeadamente o da Quinta de Santa Júlia de Loureiro e o da Quinta da Pacheca (a parte dos pergaminhos); a colaboração na definição, estudo e apresentação de itinerários culturais, como as «Rotas Medievais do Douro Sul» ou o «Roteiro de Cister no Norte de Portugal»; a participação activa na preparação da candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial; a participação na organização de debates, como os «Encontros da Casa da Calçada/O Douro em Debate», em Provesende, em colaboração com o Círculo Miguel Torga; a realização de diversos estudos preparatórios e a colaboração na instalação do Museu do Douro.

3. Os pontos fracos

O balanço da actividade do GEHVID, nestes dez anos, parece-me ser, inquestionavelmente, positivo, ultrapassando, mesmo, as nossas expectativas iniciais. O que não quer dizer que tudo tenha corrido bem ou que não devam ser introduzidas alterações no percurso da nossa unidade de investigação.

Os investigadores do GEHVID e todos os que acompanharam mais de perto o nosso trabalho têm consciência das dificuldades e limitações que enfrentámos, algumas delas comuns a quase todos os grupos de investigação. Sem pretender ser exaustivo, destacaria aqui os pontos fracos que considero mais significativos:

- i) A fragilidade organizativa: a estrutura leve que, intencionalmente, adoptámos, assumindo que as tarefas de gestão administrativa e financeira poderiam ser desenvolvidas pela unidade de acolhimento e nos permitiriam uma maior concentração nas actividades científicas, teve custos elevados. A gestão administrativa e financeira da unidade pelos serviços da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (tendo, depois, tais funções transitado para o Centro Leonardo Coimbra, recentemente extinto) não deixou de fazer pesar uma forte carga burocrática sobre as tarefas de coordenação. Por outro lado, a estrutura organizativa leve que adoptámos, baseada em equipas-projecto abertas, não conseguiu comprometer, de forma continuada, todos os investigadores;

- ii) A excessiva dependência financeira da FCT: apesar dos inúmeros apoios pontuais recebidos de diversas instituições, autarquias, empresas e outras entidades, que permitiram a realização de vários projectos de investigação, a organização de encontros científicos e a publicação regular da revista «Douro – Estudos e Documentos», bem como dos Cadernos da revista, a actividade do GEHVID ficou excessivamente dependente dos financiamentos, tantas vezes incertos e tardios, da FCT, com óbvias consequências no desenvolvimento de alguns projectos;
- iii) As dificuldades de aprofundamento do debate científico: apesar do muito que se alcançou neste domínio, ao longo destes dez anos, nem sempre se conseguiu ultrapassar as barreiras dos projectos individuais e assumir um continuado debate científico em torno do projecto colectivo, por vezes subalternizado, por força das circunstâncias individuais (as provas académicas e o serviço docente; compromissos pessoais ou institucionais; mudanças profissionais; etc.) ou de grupo (falta de espaços ou de financiamentos, ruptura nos equilíbrios das equipas de investigação, etc.), o que, em parte, justifica, por exemplo, o atraso na conclusão da edição da «História do Douro», o abandono de diversos projectos de arqueologia na região do Douro e a notória redução da pesquisa nas linhas de história antiga e de história medieval, precisamente aquelas em que, inicialmente, se considerou necessário um maior investimento;
- iv) As dificuldades de manutenção da abertura transdisciplinar: também a abertura transdisciplinar que, desde o início, preconizámos e promovemos, se é verdade que alcançou ganhos significativos, não conseguiu ainda estabelecer, de forma sustentada, o desejável espaço de diálogo entre a investigação histórica produzida no GEHVID e em outras áreas de saber;
- v) As dificuldades de desenvolvimento de estudos comparativos: finalmente, apesar dos esforços realizados no sentido de uma crescente inserção internacional do GEHVID, tem-se verificado alguma dificuldade em alargar o âmbito espacial da pesquisa e apostar nos estudos comparativos, quer a nível nacional quer a nível internacional.

4. Caminhos para o futuro

O valioso património científico criado pelo GEHVID, nestes dez anos, e o compromisso tácito que assumimos perante a região do Douro e o sector do vinho do Porto impõem-nos um esforço continuado de definição e redefinição dos caminhos



que melhor sirvam a qualidade da investigação que vamos fazendo e a sua maior eficácia social.

Em breve, com a publicação da «História do Douro», encerraremos um ciclo, que corresponde ao projecto fundador. Cabe ao coordenador científico do GEHVID, Professor Doutor Francisco Ribeiro da Silva, a responsabilidade de propor e promover, através do debate alargado a todos os investigadores, as vias futuras de desenvolvimento do GEHVID. Mas, independentemente desse debate, e apenas como corolário lógico da reflexão pessoal aqui partilhada convosco, deixaria duas breves notas finais.

A primeira, da ordem dos princípios. Creio que deveríamos preservar, no essencial, os objectivos que nos uniram, nomeadamente, a abertura ao diálogo interdisciplinar e interuniversitário, o espírito de projecto na investigação, com a promoção da solidariedade e do debate científico entre investigadores experientes e investigadores recém-licenciados, a ruptura com as tradicionais barreiras académicas de especialização temática e temporal na pesquisa histórica, a eficácia social da investigação, o incentivo à cooperação interinstitucional e científica, a nível nacional e internacional, em torno da história e da cultura da vinha e do vinho.

A segunda, da ordem da estratégia. Creio que o desenvolvimento da actividade do GEHVID não poderá desperdiçar a experiência de investigação já desenvolvida pelos elementos que integram a Unidade, bem como as relações estabelecidas com investigadores de outras regiões vitícolas e outros vinhos, do país e do estrangeiro. Nesse sentido, creio que tal estratégia deveria passar por: i) alargar o âmbito espacial da pesquisa e apostar nos estudos comparativos, quer a nível nacional quer a nível internacional; ii) desenvolver a investigação aplicada em áreas com forte incidência sócio-cultural, nomeadamente no domínio do Património. Creio, mesmo, que deveríamos assumir, no domínio da história da vinha e do vinho uma abrangência nacional, como tem vindo a ser defendido por alguns investigadores de outras Universidades. Esta solução teria de traduzir-se em alterações quer na designação do Grupo (que poderia passar a GEHVID – Grupo de Estudos de História da Vinha e do Vinho) quer a nível organizativo, através da adopção de um modelo associativo, garantindo não só uma maior autonomia como a possibilidade de integração de investigadores de outras regiões vitícolas e de outros vinhos.

